

**DA BOCA DO LIXO À BOCA DE TODOS: REFLEXÕES DA
CRÍTICA SOBRE O CINEMA ERÓTICO BRASILEIRO (1970-1980)**

**FROM THE MOUTH OF THE GARBAGE TO THE MOUTH OF
ALL: REFLECTIONS OF CRITIC ON THE BRAZILIAN EROTIC
CINEMA (1970-1980)**

**DE LA BOCA DE LA BASURA A LA BOCA DE TODOS:
REFLEXIONES DE LA CRÍTICA SOBRE EL CINE ERÓTICO
BRASILEÑO (1970-1980)**

Romulo Gabriel Barros¹

Resumo

O presente texto tem o intuito de investigar uma parcela da produção cinematográfica nacional realizada no auge da censura moral implementada pela ditadura civil-militar. Marcada por forte apelo erótico e humorístico, além de poucos recursos técnicos, sua elaboração visou agradar diretamente ao público-alvo. Ante estas produções, pretende-se discutir sua repercussão nos textos de críticos cinematográficos veiculados nos principais periódicos que então circulavam no Brasil. O discurso da crítica, normalmente detratador das pornochanchadas, em seu processo de apropriação e resignificação, é aqui analisado como peça fundamental na construção da dinâmica destas produções. A complexa relação entre produtores, críticos e público em geral é, assim, mote para a esta discussão sobre o ciclo cinematográfico numericamente mais representativo do cinema nacional.

Palavras-chave: Cinema; crítica cinematográfica; ditadura civil-militar brasileira; pornochanchadas.

Abstract

This paper aims to investigate a portion of the Brazilian cinematographic production realized at the height of moral censorship implemented by civil-military dictatorship. Marked by strong erotic and humorous appeal, as well as meager technical resources, these elaboration aimed to please directly the target audience. It's intended to discuss its repercussion in the texts of cinematographic critics conveyed in the main Brazilian periodicals. The discourse of criticism, usually detractor of *pornochanchadas*, in its process of appropriation and resignification, is analyzed here as a fundamental part in the construction of the dynamics of these productions. The complex relationship between producers, critics and general public is thus a motto for this discussion about this cinematographic cycle that is numerically more representative of Brazilian cinema.

¹ Doutorando e mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco, formado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, complementada por período de Graduação Sanduíche na área de Ciências Políticas, realizada na instituição Centro de Investigación y Docencias Económicas – CIDE (México). Bolsista por dois anos consecutivos na modalidade de Iniciação Científica, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Keywords: Cinema; film criticism; Brazilian Civil-Military Dictatorship; pornochanchadas.

Resumen

El presente texto tiene el instituto de investigar una parte de la producción cinematográfica nacional realizada en el auge de la censura moral implementada por la dictadura civil-militar. Marcadas por fuerte atractivo erótico y humorístico, además de escasos recursos técnicos, su elaboración apunta a agradar directamente al público objetivo. Ante estas producciones, se pretende discutir su repercusión en los textos de críticos cinematográficos vehiculados en los principales periódicos que entonces circulaban en Brasil. El discurso de la crítica, normalmente detractor de las pornochanchadas, en su proceso de apropiación y resignificación, es aquí analizado como pieza fundamental en la construcción de la dinámica de estas producciones. La compleja relación entre productores, críticos y público en general, es, así, mote para esta discusión sobre el ciclo cinematográfico numéricamente más representativo del cine nacional.

Palabras claves: Cine; crítica cinematográfica; dictadura civil-militar brasileña; pornochanchadas.

Introdução

Cenas cômicas baseadas em trocadilhos sexuais, situações do cotidiano e cenas de sexo que durante longo tempo muito insinuaram, mas pouco mostraram. Trata-se de filmes que davam ao expectador aquilo que ele queria, ou melhor, faziam o expectador imaginar aquilo que gostaria de ver. Estes filmes, que repetiam o que parecia ser uma fórmula para o sucesso nos anos de 1970 e 1980, receberam o nome de pornochanchadas – produções cinematográficas que funcionarão como fio condutor da história investigada neste trabalho.

Sobre estas produções, Vicente Sales, em 1995, num dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre o tema, afirmou que este gênero aliou elementos sempre de muito sucesso na cinematografia nacional. Alguns desses elementos figurariam nos filmes desde as chamadas chanchadas, termo amplamente utilizado em alusão às comédias produzidas nos anos de 1940 e 1950, designando, em geral, produtos caracterizados por serem mal-acabados, com forte apelo popular e “valor artístico duvidoso”, mas que não diminuíram, entretanto, seu êxito nas bilheterias. Segundo Cristina Kessler Felizardo (2009), estas produções jogavam com o duplo sentido, evidenciavam a sexualidade, mas não mostravam o ato propriamente – o faziam através de simulação ou insinuação, além dos títulos e cartazes sempre apelativos.

Acerca destes elementos comuns, afirma-se ainda que as pornochanchadas aliaram a comédia das chanchadas “[...] ao erotismo com tanto sucesso que essa reunião

se tornou verdadeiramente, para o grande público, sinônimo de cinema brasileiro. Dizer a partir de então que o cinema nacional ‘só mostrava mulher pelada’, tornou-se um lugar comum (SALES FILHO, 1995, p. 67).

Batiza-se a partir destas características um gênero cinematográfico. A alcunha que o designa teria surgido, portanto, agregando o prefixo “pornô” – contração de pornográfico – ao termo “chanchada”. Chamava-se pornochanchada a comédia erótica brasileira ou chanchada erótica. Contudo, o termo teria surgido apenas em meados dos anos de 1970, por meio da crítica cinematográfica e, posteriormente, assimilado pelos produtores.

A denominação, todavia, não se dá sem uma problemática e de maneira consensual. O termo utilizado é, inicialmente, uma forma de detração criada pelos críticos para designar filmes de baixa qualidade, forte apelo sexual e humor escrachado. Desta feita, não parecia importar muito aos que começaram a utilizá-lo as demais características do filme analisado. Afirma-se, além disso, que,

O uso indiscriminado do termo ampliou a definição e contaminou uma variedade de filmes, designando tanto os de produção apressada e mal-acabada, quanto outros de construção elaborada. O critério básico de inclusão era o desenvolvimento de roteiros com ênfase em situações eróticas e na exibição das formas femininas. De todo modo, a definição tornou-se uma etiqueta – uma pecha, talvez – que colou em um tipo de produção voltada para segmentos populares do público (ABREU, 2006, p. 165).

A partir disto, compreende-se que o termo pornochanchada abarca uma série de filmes de distintos gêneros, como dramas, faroestes, tramas de ação, terror, que em um determinado período foram acrescidas de erotismo visando atingir o grande público e obter o sucesso das grandes bilheterias.

Contudo, não somente de cenas cômicas e mulheres peladas fez-se pornochanchada. Nuno César Abreu (2006) estabelece sua análise acerca das produções da Boca do Lixo e, mais especificamente de sua própria produção, afirmando que estas se baseariam no tripé exploração da fórmula do erotismo, baixo custo de produção e título apelativo. Além disto, é possível notar a forte tendência das pornochanchadas de parodiar grandes sucessos de bilheteria.

É diante desta demanda que se instalam as produtoras da Boca do Lixo, região de baixo meretrício situada na capital do estado de São Paulo. Estes produtores construíram suas obras observando este nicho de mercado provocado pela ânsia e pela

nova permissividade da sexualidade, no ver e mostrar do corpo, visando atingir um público hegemonicamente masculino – dado que o consumo de material pornográfico/erótico no período é verificado como um hábito dominante nesta parcela da população, em contraste com a feminina (ABREU, 1996). As pornochanchadas construíram seu discurso para conquistá-los e, assim,

Assumidamente voltados ao público masculino, os filmes representavam tipos femininos para todos os gostos: virgens, viúvas, mulheres experientes, quase sempre belas e desinibidas. Os personagens masculinos eram geralmente tipos machões, espertos, cafajestes e malandros (vinculados ao sucesso sexual), ou então garotos virgens e maridos impotentes (relacionados ao fracasso). Os homossexuais, em geral, eram ridicularizados (FELIZARDO, 2009, p. 17).

Por tais características, as pornochanchadas foram prontamente declaradas inimigas do cinema nacional, detratoras da produção brasileira por críticos de arte e acadêmicos, foram tachadas como gênero sem importância na história cultural do país, como expressão inócua e sem impacto nos rumos tomados pelos acontecimentos na ditadura civil-militar brasileira (BERNADET, 2009). Toma-se, assim, como mote para esta discussão a costumeira aversão dos críticos a estas produções e como tais considerações repercutiram na dinâmica das produções denominadas pornochanchadas.

A crítica e as pornochanchadas

Nesta seção, objetiva-se então explorar os comentários daqueles que se dedicaram à apreciação crítica das produções da Boca do Lixo; busca-se ora trazer a lúmen tanto aqueles muitos que detrataram o gênero, como aqueles que saíram em sua defesa, estes últimos bastante diminutos e tímidos ao advogar esta causa. Transporta-se o leitor às palavras de críticos cinematográficos e suas colunas nos principais jornais do período, além de evidenciar também as considerações dos acadêmicos que ousaram aventurar-se por esta seara. Suas considerações, algumas vezes discordantes em sua tônica com as desta dissertação, servirão, no entanto, de base, de pontapé inicial para a construção do raciocínio e da interpretação deste fenômeno cultural, bem como dos questionamentos levantados sobre ele e sobre os quais se proporá a análise.

Os críticos das pornochanchadas possuíam distintos perfis, mas quase todos se esforçaram para repetir nas colunas dos cadernos de cultura dos jornais o mesmo

discurso com o qual a Boca do Lixo fora tratada antes nos suplementos policiais. A imoralidade, a afronta aos bons costumes e aos valores familiares por parte das prostitutas, dos drogados, cafetões e frequentadores da Boca parece ter percolado, segundo estes detratores, para os outros estratos subsequentes daquela paisagem paulistana.

A tônica destes comentários pode ser observada tanto nas palavras dos críticos especializados, quanto nas missivas dos leitores indignados e que escreviam aos jornais suas cartas de opinião, propondo-se a condenação e eliminação daquilo que parecia ser uma mácula na honra da cultura brasileira.

Teor que se encontra plasmado no excerto abaixo, extraído do *Jornal do Brasil* e publicado no ano de 1975. Nele, o leitor confronta as ações do então ministro da Educação e Cultura, Ney Braga, afirmando que

[...]o Sr Ney Braga não tem assistido aos maravilhosos desempenhos e mensagens do mais elevado teor moral que atualmente vem sendo apresentados nos filmes nacionais! A mim, parece, que se o fizesse, ao invés de dilatar para 112 dias a obrigatoriedade de exibição o propósito do Sr ministro, certamente, teria sido bem diferente! Não obstante, o aumento para 112 dias, proporcionará, sem dúvida, o aprimoramento cultural e educacional de nosso povo, pois não faltarão oportunidades à deleitosa assistência de filmes de inquestionável valor moral, intelectual, instrutivo, técnico, artístico e educacional, como *Quando as mulheres querem provas* e o anunciado *Eu dou o que elas querem*, verdadeiras obras-primas do atual cinema brasileiro! [...] Crise haverá, isto sim, pela mediocridade e grosseria da qualidade dos filmes atualmente impingidos em nome do cinema nacional! Minorando a *safadice* e a imoralidade rasgada das histórias, verdadeiros bagulhos sexuais, apresentando um bom cinema, de nível elevado, com certeza a crise desaparecerá. Godofredo Maciel Filho (*Jornal do Brasil*, 7 de julho de 1975, Rio de Janeiro, Edição 90, Acervo da Hemeroteca do Arquivo Nacional, grifos nossos).

O autor, o desconhecido Godofredo Maciel Filho, condena as produções inicialmente através de tom irônico ao referi-las como “filmes de inquestionável valor moral, intelectual, instrutivo, técnico, artístico e educacional” e desvela sua reprovação ao final, caracterizando-as como “safadice”, cujas histórias, dotadas de uma “imoralidade rasgada”, seriam, deste modo, “bagulhos sexuais”.

O mesmo teor reprovador, observado no comentário anteriormente destacado, pode ser notado no trecho abaixo, retirado de um pequeno e furibundo editorial publicado no ano de 1978, no jornal *Diário de Pernambuco* – mas similaridades podem

ser encontradas em diversos outros veículos midiáticos. “Prêmio ao vulgar”, dizia o título que daria a tônica dos comentários subsequentes:

O bom gosto não é com certeza uma das preocupações do cinema nacional.

No limbo da cinematografia brasileira paira hoje, vitoriosa, a pornochanchada.

Nos jornais é fácil perceber suas insinuações *As mulheres que fazem diferente* e *O marido virgem*, por exemplo. [...] que será deificado como símbolo da vulgaridade ameaça voltar ao Recife. No cinema São Luís, que já anuncia, com o filme *O mentecapto erótico*: “Ele tem uma virtude deste tamanho!” “um primor para a geração que Silvio Santos já aniquilou no Brasil” (*Diário de Pernambuco*, 28 de fevereiro de 1978, Recife, Edição 55, Acervo da Hemeroteca do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

A contrariedade está presente desde o seu título e refere-se ao fato de que ceder espaço de um importante cinema da capital pernambucana para a exibição das pornochanchadas seria o mesmo que premiá-las. O texto prossegue delineando a intenção do editorial, escrito sem autor definido – assinado, portanto, pelo próprio jornal. Fica patente que o cinema nacional está ameaçado pela má qualidade das pornochanchadas: elas seriam povoadas por “vulgaridade”, relegando ao limbo toda a trajetória do cinema brasileiro, contribuindo para degradar mais “a geração que Silvio Santos (?) já aniquilou no Brasil”. Mas, estranhamente, mesmo diante de todos estes contrapontos, as produções ainda sairão “vitoriosas” – indagam-se então os motivos de um cinema tão desqualificado sair vitorioso.

Ou melhor, talvez o caminho não seja indagar os motivos que levaram um cinema desqualificado a sair vitorioso – posto que sua vitória nas bilheterias já deponha contra esta total desqualificação e aponta em direção à resposta para a indagação. Talvez o caminho seja, por outro lado, considerar os motivos pelos quais alguns tentaram desqualificar este cinema.

A indicação de um destes motivos pode ser dada por Paulo Emílio Sales Gomes, um dos principais críticos de cinema do período, e que, no jornal alternativo *Movimento*, explica:

Agora, aqui a grande campanha contra a pornochanchada – você sabe que houve uma marcha em Curitiba da família contra a pornochanchada? – é feita por gente que não vê os filmes e acredita no que diz a publicidade. Acontece que o próprio nome pornochanchada seria muito mais uma jogada de publicidade do que dos críticos de cinema. O filme *Eu dou o que ela gosta*, por exemplo, tem esse nome e a publicidade complementar: “E o que elas gostam não é mole”, e tem o cartaz com o José Lewgoy indicando com as mãos as dimensões eventuais do que ele daria e elas gostariam, tudo sugerindo uma

pornografia. Mas o filme não tem absolutamente nada disso – é quase uma comédia de costumes rurais, curiosa, e é só. A pouca relação entre o nome e o filme é incrível (*Movimento*, 19 de janeiro de 1976, São Paulo, Edição 29, Acervo da Hemeroteca do Arquivo Nacional).

Dois fatos chamam atenção inicialmente, o primeiro deles é o de um não-detrator da pornochanchada não se encontrar representado em um jornal de grande porte. Nas linhas em questão, o autor não revela estar do lado da defesa das produções, não destaca supostas qualidades das obras, nem aponta para sua relevância no âmbito da cinematografia brasileira, afirma apenas haver um preconceito para com elas – não as defende, apenas não as ataca, mas isto já parece ser suficiente para afastá-lo da publicação desta crítica num jornal de grande porte, cuja imensa maioria das críticas expostas ocupou-se de aquilatar negativamente as produções. Nota-se que o espaço para uma defesa – mesmo que sutil – das pornochanchadas é reduzido, em sua maioria, aos jornais de menor circulação.

O segundo ponto ao qual a análise de Vicente Sales conduz é a ponderação de um dos motivos para os críticos mais ferrenhos preocuparem-se tanto com a imoralidade presente nas pornochanchadas: isto residiria no fato destes condenadores nem sequer assistirem aos filmes, eles não são seu público e desconhecem o real teor destes filmes. Filmes que, em geral, prometem mais erotismo do que realmente oferecem.

Outro crítico cinematográfico de grande importância e que também publicou seus escritos no mesmo jornal que Vicente Sales, foi Jean-Claude Bernardet, que igualmente busca compreender o que levou boa parte da crítica e dos intelectuais brasileiros a condenarem as produções da Boca. Ele, diferente do seu colega outrora citado, não pensa exatamente que as críticas se devem à displicência dos colegas em não assistirem às produções. Seguindo outro viés analítico, Bernardet questiona:

Por que essa oposição? Porque os filmes dão dinheiro? Porque seriam estilisticamente mal realizados? Porque se referem ao sexo? Porque apresentam chulices? Certamente por nenhum desses motivos. [...] Os ataques não foram dirigidos contra aspectos ideológicos reacionários dessas comédias, valorização do machismo, submissão da mulher etc., mas dirigidos contra um “mau gosto”. O meu gosto é bom, o teu é mau, uma campanha moral e estética tipo senhora do chá das cinco”. [...] A safadice de alto luxo não choca. No fundo, uma questão de estilo. A chamada vulgaridade é, basicamente, o que se ataca nesses filmes (BERNADET, 2009, p. 206).

A crítica especializada e o cidadão comum que se ocupavam em condenar as pornochanchadas, explica Bernardet, não se chocavam com os nus mostrados em cena, tampouco reprovavam o teor ideológico contido neles, posto que o autor afirma que em sua maioria eles coadunaram com o conservadorismo da maior parcela da sociedade de então, corroborando com valores como o “machismo, submissão da mulher etc.”. O fato é que Bernardet parece crer que a condenação se deve apenas ao fato de que o filme não era feito por pares – o filme era feito pela classe popular e para ela, e não por intelectuais para intelectuais.

Seus opositores pertencem a um público culto. Esses opositores, via de regra, não se perguntam o que de significativo os amantes da pornochanchada encontram nesses filmes. Estão propondo é substituir o sexo que eles não querem, e a que chamam pornografia, pelo sexo que querem, e a que chamam de erotismo (BERNARDET, 2009, p. 207).

Por não serem produzidas pela elite do país, conforme explica, as pornochanchadas deveriam ser condenadas e chamadas de “pornográfica(s)”, “chula(s)” e dotadas de “safadices”. Por isso, o rótulo de “pornochanchada” inicialmente foi mais um título condenatório do que necessariamente um estilo, embora a crítica insistisse em afirmar o contrário.

Ainda sobre isto, também comenta Alfredo Sternheim (2005), crítico, pesquisador e cineasta brasileiro:

Inúmeros jornalistas especializados sempre insistiram em classificar o cinema feito na Boca do Lixo como um estilo. Qualquer realização de lá era identificada como pornochanchada, outro rótulo pejorativo (agora já perdeu essa carga) para designar a comédia maliciosa ou de costumes, mas que acabou sendo usado de forma indiscriminada. O clichê, carregado de preconceito, substituiu a análise séria e passou a ser aplicado indistintamente pelos críticos para apontar a produção saída da Boca, fosse de qualquer gênero. E com isso criou-se um lamentável estigma para boa parte de nossos cineastas (STERNHEIM, 2005, p. 13).

Nesta sua apreciação, o autor afirma que não haveria necessariamente uma coerência temática ou estilística entre os realizadores da Boca do Lixo, estes sempre buscaram filmar suas produções abrangendo diversos gêneros cinematográficos, não se limitando apenas a um estilo. Neste sentido, é possível observar ainda que o erotismo foi o ingrediente mais requisitado pelo exibidor do que necessariamente por uma escolha dos próprios diretores. Esta vertente de pensamento crê então que o sexo estaria presente nos filmes quase que por um involuntarismo da parte dos que o fizeram.

A mesma tônica pode ser encontrada no texto de outro crítico, desta vez J. C. Avelar, que publicou no *Jornal do Brasil*, em 1977, sob o título de “Luxo ou Lixo”, um de seus textos analisando o fenômeno das pornochanchadas, mais precisamente sobre o modo como o sexo era tratado nestes filmes. Para o autor, seguindo a mesma linha de raciocínio, as cenas de sexo são basicamente uma metáfora involuntária da parte de seus realizadores e expressariam as disputas do cotidiano. “Essa guerra, esse sexo técnico e quantitativo, esse desprezo pelo outro, essa valorização do capaz contra o incapaz e ineficiente são traços da vida social” (BERNADET, 2009, p. 208).

Outro crítico e acadêmico já citado e que parece apontar nesta mesma direção é Vicente Sales, ao afirmar que

[...] esses filmes não fizeram outra coisa senão retratar esses aspectos de nosso cotidiano com incrível ingenuidade e, por isso mesmo, de forma tão clara e escandalosa, o que acabou por gerar irados ataques. Evidente que a pornochanchada não questiona, não analisa e não adota uma postura crítica sobre tais aspectos (SALES FILHO, 1995, p. 3).

E conclui mais adiante que as pornochanchadas se constituem, portanto, a partir do “conservadorismo não apenas no sentido da preservação dos chamados bons costumes, mas sim de todas as ideias e conceitos em que estamos mergulhados: sejam eles bons costumes, sejam preconceitos ou estereótipos” (SALES FILHO, 1995, p. 4).

Para o autor, não haveria nada além do socialmente estabelecido, as pornochanchadas não fugiriam às normas do moralmente aceito, seriam apenas um reflexo e/ou um reforçador das normas sociais existentes. E, sobre isto, explica-se de modo mais delongado em outro texto, também publicado no *Movimento*, em 1976. O autor afirma:

Na pornochanchada o mocinho sempre sai ganhando, a mocinha se casa, e nesse sentido ela seria mesmo moralista. Isso talvez porque a chamada pornochanchada tenha muito mais necessidade de se justificar, de compensar as audácias no terreno sexual com um moralismo sociológico mais geral. Além disso, a chanchada é mais espontânea, o que a torna socialmente muito mais crítica que a pornô. Mexia muito com os tipos brasileiros clássicos, ridicularizava os gostosões sociais, existia na chanchada uma relativa contestação, enquanto a pornochanchada, em termos ideológicos, é conservadora. A chanchada ridicularizava posições sociais, a pornô endossa (*Movimento*, 19 de janeiro de 1976, São Paulo, Edição 29, Acervo da Hemeroteca do Arquivo Nacional).

Aparentemente, a pornochanchada, detratada por ser imoral, não era nada além de moralista. Ela reforçaria o seu conteúdo conservador nas mensagens transmitidas, de modo a justificar a ousadia de mostrar os corpos nus, todavia, estes não seriam insígnias

de libertação, apenas dariam prosseguimento às estratégias de dominação existentes, segundo esta vertente de pensamento.

Contudo, ainda que retratassem os temas da moral e dos bons costumes deste período de maneira inconsciente, como afirmam seus críticos, isto não é motivo suficiente para abandoná-la como possível fonte historiográfica. Ainda que se admita a possibilidade de que algumas das pornochanchadas fossem apenas reprodutoras despropositais do cenário moral da época e contribuintes da sua normatização e reforço, de todos os modos haveria nelas um imenso potencial como indício do passado, rastro da história, posto que são “nossos pequenos gestos inconscientes [que] revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós” (GINZBURG, 2002, p. 146). Compreende-se, portanto, que uma parcela destas produções poderia ser assim considerada, mas ainda assim questiona-se: a característica de reprodutora inconsciente poderia ser aplicada a todas elas?

Reforço de ideias conservadoras (ou não), metáforas involuntárias (ou não), imitações da realidade (ou não), ainda assim, as pornochanchadas teriam demasiado a oferecer à história, posto que

[...] a imitação, é bem sabido, já não avança senão de crise em crise [...]. Portanto, seria preciso saber em que sentidos diferentes arder constitui hoje, para a imagem e a imitação, uma “função” paradoxal; melhor dizendo uma disfunção, uma enfermidade crônica ou recorrente, um mal-estar na cultura visual: algo que apela, por conseguinte, a uma poética capaz de incluir sua própria sintomatologia (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 208).

A pornochanchada arde em contato com o real ao imitá-lo, ela inflama parte da sociedade, parte da crítica especializada, todo este bombardeio não é sinônimo de outra coisa senão da crise (também) provocada e evidenciada pelas produções da Boca do Lixo. Compreendendo-se por crise, neste caso, o deslocamento ou o questionamento de determinadas concepções morais ou a desnaturalização dos costumes, por exemplo.

De qualquer forma, do lado oposto a estes críticos, também houve quem advogasse sua causa em público. Aqueles poucos que saíram em sua defesa, entretanto, foram tímidos e em outras oportunidades não deixaram de atacá-la minimamente.

Ocorre que, curiosamente, toda essa carga negativa fora assimilada por seus produtores, e o que poderia ser uma estratégia para minar sua popularidade, parece ter se tornado mais um ingrediente para o seu sucesso. Talvez as pornochanchadas, seus produtores e diretores não quisessem ser defendidos.

O sexo e sua depreciação caíram nas mãos dos produtores da Boca do Lixo e, apesar da contestação de sua qualidade em fazer cinema, não se pode fazer o mesmo em relação às suas habilidades no *marketing*. Com seu imenso tino para propaganda, os profissionais conseguiram então reverter o estigma e usá-lo a seu favor. É o que afirma Carlos Reichenbach, importante diretor da Boca, ao aludir à entrevista do seu colega Antônio de Lima concedida à revista *Manchete*. O diretor crê na designação “era estigmatizante, mas funcionava quase como uma grife”, raciocínio completado por Bernardet ao afirmar que “há inclusive um tom meio avacalhado nesses filmes que, provavelmente, não está alheio a seu sucesso” (BERNARDET, 2009, p. 150).

O tom degradante era ingrediente para chamar a atenção do público, como se pôde observar em diversas manifestações. Para os cineastas da Boca, propaganda negativa ainda seria propaganda, e talvez fosse a melhor delas, posto que era inclusive exibida em seus cartazes. Parece que, quanto mais proibidas e condenadas fossem as pornochanchadas, mais atrativas elas pareceriam.

Fato que se pode observar ao analisar a publicidade do filme *Coisas eróticas* (1981), que marca o início da decadência do gênero, mas que ainda evoca toda esta carga. Na primeira linha do seu anúncio no jornal *Notícias Populares*, os autores escrevem “PROIBIDO e agora LIBERADO por MEDIDA JUDICIAL”. Como se não fosse suficiente para atrair a atenção do público, ainda são trazidas as palavras “proibido” e “liberado” por “medida judicial” em caixa alta. Além disto, nota-se a falta de imagens que se justifica através do seguinte argumento: “o material fotográfico deste filme deixa de ser mostrado por ser rigorosamente proibido!”, com direito ao ponto de exclamação no final, mais típico das frases de propaganda que de advertência.

Sobre este último dizer, é interessante notar que nenhuma menção à proibição da veiculação de imagens do filme por meio de cartazes promocionais foi encontrada nos autos da censura a esta produção. O que pode corroborar com a tese de que a proibição/detração foi, inclusive, maximizada pelos produtores, a fim de granjear a curiosidade de um maior número de expectadores.

As pornochanchadas parecem seguir, no fio deste limiar, entre a condenação e o sucesso, aproveitando as brechas até onde elas parecem menos prováveis. Mas o balanço daqueles que tecem as críticas parece ser sempre negativo e diminuir seu mérito em realizar cinema, talvez sem considerar o árido cenário em que se inseriram e levar tal fato em conta para balizar seu julgamento.

Considerações finais

Faz-se salutar levantar algumas últimas considerações. A primeira delas pode ser evocada pelas palavras do já citado Jean-Claude Bernardet, que ora aponta as mazelas do movimento cinematográfico em questão, ora aponta seus êxitos sempre de forma bastante ponderada. Na publicação em questão, o autor considera que

A pornochanchada não tem que ser necessariamente burra, malfeita, nem se limitar ao exibicionismo da carne, nem ser machista. Melhorar o nível não quer dizer apenas maquiagem melhor as atrizes exibidas. A pornochanchada pode ser uma obra de arte que satisfaça gostos exigentes. A malícia pode não ser grosseira e repetitiva (BERNARDET, 1979a, p. 89).

E considera em outra publicação que

[...] a maior falha dessa pornochanchada não é ser pornô, mas ser muito pouco pornô. Preferível a todas estas sugestões, a esses lençóis medidos, é mostrar todos os órgãos sexuais masculinos e femininos fazendo o que podem fazer. Se bem não fizer, mal também não fará, e pelo menos num ponto será um bem: derrubar os múltiplos atos de censura federal e da burocracia, mas também os atos dos bem-pensantes retrógrados e dos bem-pensantes evoluídos (BERNARDET, 1979b, p. 97).

Diante de tão vasta amostragem, parece ser minimamente contraditório julgar que um movimento que abrangiu inúmeros gêneros cinematográficos, que produziu centenas de longas-metragens, que perdurou por quase uma década, que abarcou dezenas de produtores e diretores, que elevou ao *status* de estrela do cinema um sem número de atrizes, apenas reforçou os estereótipos moralizantes da ditadura na totalidade de suas produções – seria uma perigosa generalização a ser evitada nos anais da historiografia.

Diante disso, ora indaga-se: seria possível encontrar algum autor que fizesse, mesmo que pontualmente, a diferença em não apenas reproduzir mecânica ou inconscientemente tais padrões? Seria possível apontar em que ponto a pornochanchada não foi necessariamente “burra”, “malfeita” e “machista”?

A homogeneização pode ser atrativa para qualquer pessoa que se debruce sobre a análise do passado; universalizar conclusões, naturalizar comportamentos, rotular produções sob o mesmo carimbo, pode parecer tentador e até mesmo prático àquele que deseja sistematizar e encaixar as arestas dos acontecimentos pretéritos de modo simétrico. Ocorre, entretanto, que estas arestas não o são.

E, sendo assim, a narrativa historiográfica e

[...] todo conhecimento deve conter um grão de sem-sentido, como os tapetes e afrescos ornamentais da Antiguidade sempre apresentaram em algum lugar uma ligeira irregularidade em seu desenho. Dito de outra maneira, o decisivo não é a progressão de conhecimento em conhecimento, mas sim a brecha dentro de cada um. Uma imperceptível marca de autenticidade que a distingue de toda mercadoria fabricada em série. Poderíamos chamar sintoma a brecha entre os sinais, o grão de sem-sentido e de não saber de onde um conhecimento pode tomar seu momento decisivo? (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 214).

Diante disso, onde estariam os exemplos desta brecha, em se tratando das produções em série da Boca? Admite-se nesta investigação que, em meio a esta reprodução de costumes e preconceitos que foi comum a um grande número de produções, poderia surgir um autor ou uma produção que corroborasse com as últimas palavras de Bernardet e oferecesse a contestação, a “subversão”, mascaradas em meio ao salvo-conduto oferecido pelas inúmeras produções voltadas à doutrinação.

Considera-se tal afirmação posto que,

[...] o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais obscurecem uma estrutura social [...] se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la (GINZBURG, 2002, p. 177).

Haveria em meio às imitações do real, diante da reprodução da normatividade moral vigente, quem se propusesse a dissolvê-la? Crê-se que sim, mas, quem sabe se pela pressa ou pelo hábito de condenar as pornochanchadas, esta(s) obra(s) tenha(m) passado despercebida(s). Tomando este direcionamento, não se almeja, contudo, respostas claras e diretas. O que aqui se pretende é apontar um foco de luz sobre este objeto maldito por tantos, em vez de apontar-lhe o habitual dedo em riste. Supõe-se ora haver encontrado uma zona privilegiada em meio à opacidade da história, por ela enveredemo-nos nos próximos trabalhos, bem como convidamos a comunidade acadêmica a seguir este mesmo sendeiro.

Referências

ABREU, Nuno César. *Boca do Lixo: cinema e classes populares*. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

_____. *O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado do Livro, 1996.

BERNARDET, Jean-Claude. O escândalo da melancia. In: MANTEGA, Guido (org.). *Sexo e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979a.

_____. Pornografia, o sexo dos outros. In: MANTEGA, Guido (org.). *Sexo e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979b.

_____. *Cinema brasileiro: propostas para uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Quando as imagens tocam o real*. *Pós – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes – EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60>>. Acesso em: 12. out. 2015.

FELIZARDO, Cristina Kessler. Erotismo à brasileira: o ciclo da pornochanchada. *Sessões do Imaginário*, v. 22, 2009.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALES FILHO, Valter Vicente. Pornochanchada: doce sabor da transgressão. *Comunicação e Educação*, São Paulo, v. 1, n. 3, mai.-ago. 1995.

STERNHEIM, Alfredo. *Cinema da Boca: dicionário de diretores*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.